



Bem viver das comunidades negras

Editorial

Renata de Melo Rosa¹

O no. 47 do Volume 18 da Revista da ABPN adota como tema geral de discussão o bem viver das comunidades negras. Trata-se de referenciar o tema da Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver. Os estudos contracoloniais, antirracistas e interseccionais produzidos ao longo das últimas décadas a partir da afrolatinoamericanidade e afrocaribeidade apontam a nossa forma de existência e nossa cosmovisão como verdadeiras ferramentas de criação de novos mundos, a partir dos quais, práticas de *contraplanatation* e uma conexão profunda com o sagrado trazem elementos sólidos de integração comunitária. Portanto, nunca estivemos na contramão da história. Sempre estivemos posicionadas e posicionados a partir de uma campo de luta sistêmico e estrutural contra as categorias coloniais de divisão de mundo, racialização do trabalho e rebaixamento dos seres humanos. A invenção de mundos de bem viver dialoga diretamente com as propostas mais promissoras dos femininsos negros. Por esse motivo, os artigos que compõem essa edição abordam as desigualdades estruturais enfrentadas pela população negra no Brasil, focando em interseccionalidade, racismo institucional e epistêmico. Os artigos discutem impactos na saúde mental e física, lacunas na formação educacional, invisibilidade acadêmica, racismo algorítmico e a resistência através de movimentos sociais, epistemologias afro-diaspóricas e políticas públicas, visando a promoção da equidade e a transformação de estruturas sociais e de saber. Ao final da nossa Edição, também trazemos uma entrevista com Edna Roland, militante histórica do movimento negro e do movimento de mulheres negras e Relatora da Conferência de Durban que marcou o início das políticas públicas de ações afirmativas por parte do Estado brasileiro.

O artigo *Colonialidade, Gênero e Raça: Mulheres Negras na Construção de Saberes Outros*, de autoria de Stefanny Martins Lopes de Araújo, Dinalva de Jesus Santana Macêdo e Heldina Pereira Pinto Fagundes inaugura esta Edição ao propor a análise da atuação das mulheres negras na construção de epistemologias produzidas a partir das margens sociais e históricas. Traz os feminismos negros e as perspectivas decoloniais para analisar como a colonialidade do poder, do saber e

¹ Editora-Chefe da Revista da ABPN. Possui Pós Doutorado em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras pela Université D'état D'Haiti. Também exerce o cargo de Direção do Instituto Maria Quitéria <https://iquiteria.org/>, sediado no Rio de Janeiro. E-mail: revistaabpn.adm@abpn.org.br



do ser que estruturou desigualdades de raça, gênero e classe. Aborda ainda a colonialidade de gênero e a interseccionalidade como ferramentas para compreender as opressões que atravessam as experiências das mulheres negras.

Ainda na esteira dos debates de descolonização do saber, o texto *As Quatro Dimensões do Encontro de Saberes: pluriepistemologia e os desafios para uma Universidade Decolonial*, de autoria de Raul Tavares de Paula, Gabriel Ribeiro e Sônia Sampaio, analisa o Projeto “Encontro de Saberes”, implementando na Universidade de Brasília (UnB) e discute a tentativa de descolonização da universidade, bem como o enfrentamento das resistências institucionais. Aborda suas quatro dimensões (étnico-racial, política, pedagógica e epistêmica), traz exemplos práticos de implementação e analisa os riscos de uma inclusão superficial. Aponta alternativas de fortalecimento do projeto, de modo a garantir que os saberes tradicionais não sejam apenas incorporados, mas tenham real impacto na transformação da academia.

Na sequência, o artigo *Racismo, Estereótipos Raciais e Implicações nas Trajetórias Profissionais de Pessoas Negras*, de Sabrina Prado Anjos, Quézia Costa Dias e Emerson Douglas dos Santos Martins mapeia e sistematiza produções científicas sobre os efeitos do racismo e dos estereótipos raciais nas trajetórias de carreira de pessoas negras. Com base em 33 estudos publicados entre 2020 e 2025, majoritariamente qualitativos, oriundos sobretudo dos Estados Unidos e do Brasil, o texto aponta os obstáculos anteriores ao ingresso no mercado, relacionados ao acesso e à escolha profissional, e desafios posteriores à inserção, como microagressões, exclusão simbólica, estigmatização racial e impactos psicossociais, incluindo esgotamento emocional e fadiga da batalha racial.

Em *Exclusão Simbólica e Racial na Docência Universitária Brasileira: uma Análise sob a ótica Bourdieusiana e a Metateoria do Direito Fraternal*, os autores Ari Schuller e Marina da Silva Pereira, são analisados os mecanismos de exclusão simbólica e racial na docência universitária brasileira, à luz da teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu e da metateoria do Direito Fraternal de Eligio Resta. O texto compreende como o capital simbólico e o *habitus* institucional contribuem para a reprodução de uma estrutura racializada no ensino acadêmico, constituindo-se em uma dinâmica excludente. Trata-se de uma revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos, com enfoque em perspectivas sociológicas críticas e antirracistas.

Dando seguimento à reflexão crítica e antirracista dos processos de reprodução do *habitus* de classe, raça e gênero dentro do espaço universitário, o artigo *Pesquisadores De Administração e os Problemas Sociais Compreendendo a Reprodução do Racismo nos Programas de Pós-Graduação em Administração*, Karina



Francine Marcelino e Mário César Barreto Moraes abordam de que forma o racismo se manifesta nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração. A estratégia utilizada foi um estudo qualitativo de casos múltiplos, junto a Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração nas Universidades Públicas Catarinenses. A abordagem reconhece o racismo como um problema que permeia todas as estruturas sociais, incluindo os Programas de Pós-graduação em Administração e aponta as lacunas existentes na formação dos futuros profissionais da área que impactam nas desigualdades no acesso.

O segundo conjunto de debates sobre o bem viver das comunidades negras diz respeito aos processos de internalização subjetiva e interpretação das opressões raciais ditas e não ditas. O artigo *Imagens de Controle e Opressão Racial: a (In)Satisfação Corporal de Estudantes Negros*, de Carla Juliane Martins Rodrigues, Sabrina Daniela Lopes Viana, Caio dos Santos de Andrade, Vitoria Maximo e Marina Bartel de Andrade traz para o centro do debate como a aparência possui um valor influente na sociedade, podendo gerar insatisfação corporal, especialmente quando há discrepância entre a percepção e o desejo em relação ao corpo. O texto visibiliza a forma como a juventude negra, por meio do estudo de um grupo de estudantes negros, enfrenta das pressões estéticas e os impactos da intensificação do racismo intensifica. O estudo foi realizado com 552 universitários pretos e pardos, por meio do BSQ e da Escala de Silhuetas, de Stunkard, para investigar a satisfação corporal. Salienta a existência de alta insatisfação de pessoas pretas com seus corpos cujos resultados foram interpretados à luz de conceitos que articulam dimensões estruturais e simbólicas do racismo e sua construção cultural e subjetiva das normas de beleza.

Continuando com análises sobre a juventude negra brasileira, o artigo *Ensino Médio e Juventude Negra no Brasil: Projetos Ainda Divergentes no Século XXI*, de Andréa Giordanna Araujo da Silva, Marcio Tabajara (Marciano Rodrigues da Silva) e Maria Natália da Silva Luiz Analisa os impactos da Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) na formação da juventude negra e pobre no Brasil, comparando-a com as propostas educativas do Plano Juventude Negra Viva (PJNV) de 2024. O texto aponta a Reforma do Ensino Médio como uma política pública que precarizou a formação da juventude trabalhadora e negra ao focar excessivamente na formação para o trabalho por meio de itinerários formativos e da ideologia do empreendedorismo. Dessa forma, o PJNV é destacado como um espaço de voz ativa e reparação histórica, oferecendo propostas pedagógicas alternativas e complementares ao currículo escolar estatal. O artigo também traz uma crítica aos discursos oficiais recentes que reduzem a formação escolar à inserção laboral, negligenciando dimensões afetivas, políticas e de autoidentificação étnico-racial.



Em seguida, trazemos uma revisão teórico metodológica de um dos autores clássicos da psicanálise, presente nos currículos da formação da graduação em Psicologia no Brasil, Carl Rogers. O texto *Análise de um Atendimento Clínico de Carl Rogers a uma Pessoa Preta: Discussões Raciais*, de autoria de Paulo Coelho Castelo Branco, Ubiratan Sotero Sales e Emanuel Meireles Vieira analisa um atendimento realizado por Carl Rogers com um cliente preto. Os autores argumentam que a visão de sujeito apresentada por Rogers desconsidera diversos marcadores sociais e as queixas raciais trazidas, tampouco os conteúdos raciais emergentes na relação terapêutica. A discussão, à luz do pensamento decolonial, demonstra que, embora Rogers sustente sua proposta terapêutica, não alcança os sentidos, significados e conteúdos raciais que atravessam o sofrimento do cliente. Conclui que a escuta rogeriana reduz experiências estruturalmente racializadas a conflitos individuais, reproduzindo mecanismos de invisibilização que sustentam o privilégio branco.

Cuidar é Deixar-Se Molhar: Escrevivendo o Cuidado em Saúde à Luz da Epistemologia das Águas e do Espelho de Oxum, de Marcelo Rodrigues da Silva e João Victor Ramos Ferreira, analisa o processo de cuidado hospitalar sob a perspectiva de um residente em psicologia, articulando o conceito de escrevivência e epistemologias afro-diaspóricas e decoloniais baseadas no *Espelho de Òsun* e na metáfora da água. O texto questiona a ortodoxia biomédica e a racionalidade ocidental na saúde, evidenciando como a rigidez das normas e protocolos pode deslegitimar vínculos afetivos essenciais e rituais tradicionais de cuidado. Utiliza a escrita autobiográfica e o diário-escrevivente como dispositivos ético-políticos para registrar o sofrimento e as relações que transbordam dos manuais institucionais, recusando a neutralidade acadêmica. Propõe o oxunismo e a matripotência como chaves para entender o cuidado como um fluxo relacional, inseparável do corpo, da ancestralidade e da coletividade, onde "cuidar é deixar-se molhar". Relata situações práticas da residência onde barreiras burocráticas impediram visitas baseadas em conceitos formais de consanguinidade, e discute como manifestações corporais (como o arrepio) atuam como marcadores de atenção para saberes ancestrais trazidos pelos pacientes. Reconhece o SUS como conquista social, mas aponta assimetrias no atendimento que impactam desproporcionalmente populações vulnerabilizadas, defendendo a incorporação de tecnologias tradicionais de cuidado na saúde integral.

"As Mulheres Negras têm até receio De Procurar Uma Ajuda Por Ser Negra": percepções dos profissionais da Saúde sobre Gênero, Raça e Classe na Saúde Mental, de Eliane Clares Barbosa e Juliana Vieira Sampaio inaugura a sessão de debates sobre a saúde e bem-estar da população negra nesta Edição. Trata-se de um artigo que descreve uma pesquisa com profissionais da Rede de Atenção Psicossocial sobre a interseccionalidade de gênero, raça e classe na saúde mental de mulheres



negras. Evidencia que o racismo e o sexismo estruturais permeiam o sofrimento psíquico desse grupo, embora permaneçam invisibilizados nas práticas institucionais, tornando urgente estratégias de letramento racial e de gênero para profissionais e usuárias. Os relatos apontam a ocorrência de tratamento diferenciado dentro dos próprios serviços de saúde, o que evidencia a urgência de políticas públicas interseccionais de gênero e raça para o acolhimento das mulheres negras nos serviços prestados ao tratamento da saúde mental.

O texto *Determinantes Do Consumo Alimentar Da População Negra No Brasil: Revisão Integrativa*, de *Alícia Cardoso Lima, Andrea Suzana Vieira Costa Elane Viana Hortegal Furtado e Elivelton Sousa Montelo* realiza uma revisão integrativa da literatura para mapear o consumo de alimentos pela população negra no Brasil e identificar os fatores determinantes que influenciam sua dieta. Realizou busca em seis bases de dados (SCOPUS, PubMed, EMBASE, Web of Science, Lilacs e Medline), em português e inglês, e selecionou 14 estudos transversais, publicados entre 2003 e 2024. A análise identificou maior consumo de feijão, carboidratos e carnes com maior teor de gordura, e menor de frutas, legumes, verduras, ultraprocessados, bebidas açucaradas e *fast-food* entre pardos, negros e quilombolas. Foram identificadas influências de determinantes socioeconômicos, raciais, demográficos e territoriais.

A *Saúde da População Negra Em "Ismália" De Emicida: Uma Análise Interseccional*, de *Cleiton Liberato e Felipe Cazeiro*, analisa a canção "Ismália", de Emicida, como dispositivo crítico das violências estruturais que impactam a saúde da população negra. Utiliza referenciais decoloniais e interseccionais. Aponta como o racismo, o sexismo e a desigualdade de classe, articulados pela lógica colonial, produzem adoecimento e sofrimento psíquico, especialmente entre mulheres negras, ressignificando a obra como um potente instrumento de resistência e denúncia social.

O artigo *Qualidade De Vida Em Pessoas Idosas Negras Com Doenças Crônicas: Uma Revisão Sistemática*, de *Eusiene Furtado Mota Silva, Rômulo Luiz Neves Bogéa, Patrícia Lima Queiroz e Ana Hélia de Lima Sardinha* analisar as evidências científicas sobre os fatores que influenciam a qualidade de vida de idosos negros acometidos por condições crônicas. Os resultados revelam que a qualidade de vida e o envelhecimento digno de idosos negros são profundamente afetados pelo racismo estrutural acumulado ao longo da vida, baixa renda e barreiras no acesso a serviços de saúde. Além disso, destaca estudos específicos que apontam alta prevalência de hipertensão arterial sistêmica (HAS) em idosos negros, associada à baixa escolaridade, vulnerabilidade econômica e fragilidade



funcional no cotidiano. Identifica uma lacuna persistente e uma subnotificação crônica no registro do campo "raça/cor" nos sistemas de informação em saúde no Brasil, o que dificulta o desenho de políticas públicas específicas. Alerta para os riscos de uma inclusão meramente superficial, folclorização ou extrativismo intelectual dos saberes tradicionais pela academia.

População Negra e Perda Auditiva: uma revisão integrativa, Fabiane Fiuza de Barros, Célia Mariana Barbosa de Souza, Sabrina Nuñez Gonçalves, Márcia Salgado Machado e Adriane Ribeiro Teixeira mapeiam a prevalência e as características da perda auditiva na população negra por meio de uma revisão integrativa da literatura. A busca inicial identificou 302 artigos nas bases PubMed, Embase, LILACS e Web of Science, selecionando apenas 5 estudos (1,7% do total), todos conduzidos nos Estados Unidos. Os estudos elegíveis apontaram uma elevada prevalência de perda auditiva em todas as fases da vida da população negra. Discute que condições de saúde mais prevalentes nessa população (como diabetes, hipertensão e anemia falciforme) e a exposição a ruídos ocupacionais em subempregos são fatores agravantes importantes. Evidencia a escassez crítica de pesquisas audiológicas focadas na variável raça/cor no Brasil, ressaltando a dupla opressão enfrentada por indivíduos que acumulam a deficiência auditiva e o racismo estrutural.

A parte final dos artigos desta Edição dedica espaço às reflexões relacionadas à segregação sociorracial, inteligência artificial e racismo, militância e protestos de rua e os interessantes aspectos culturais da *black music* em espaços urbanos. Temos então aos artigos *Segregação Sociorracial como Processo de Marginalização: Uma Análise Da Explosão Do "11 De Dezembro" e seus Impactos na Saúde Mental dos moradores do Bairro Mutum, em Santo Antônio de Jesus-BA*, de Railton da Conceição dos Santos, Aline dos Santos Carqueija, Nubia dos Reis Pinto e Reinaldo José de Oliveira, traz um relato de experiência sobre a explosão ocorrida em uma fábrica de fogos clandestina e seus efeitos biopsicossociais sobre a saúde mental dos moradores da comunidade Irmã Dulce/Mutum, na cidade de Santo Antônio de Jesus – BA. Na sequência, o texto *Raça e Território nas Jornadas de 2013 no Rio de Janeiro: experiências e Ativistas e Militantes da Raça Negra*, de Gislene Silva e Luís Antonio Groppo, analisa o cenário do ano de 2013 por meio dos ciclos massivos de protestos de rua correlacionando raça e território como pautas interseccionais das Jornadas de 2013 no Rio de Janeiro, com o objetivo de compreender como pessoas negras, marcadas pelo território e por sua condição racial, viveram este ciclo de protestos no município do Rio de Janeiro.



Como parte das nossas preocupações sobre o bem viver das comunidades negras, trazemos o artigo *Branquitude em Foco: análise de Imagens Geradas por Inteligência Artificial*, de Amanda Maria de Sobral Gomes, para compreender a lógica da supremacia branca, que analisa 47 imagens de dez Inteligências Artificiais (IAs) generativas de texto e imagens, ChatGPT, Gemini, DeepAI, Grok, DeepSeek, Copilot, Dreamina, Perplexity, Claude e Meta AI, a partir de três comandos (prompts) que solicitam a representação da branquitude. Como resultados principais, as IAs descreviam que a branquitude estava relacionada a privilégios raciais.

“Qual a Diferença entre o Charme e o Funk?”: musicalidades Afrodiaspóricas nos Bailes Suburbanos do Rio de Janeiro de 1980, de Renan Ribeiro Moutinho, encerra a sessão de artigos trazendo um interessante debate sobre como, a partir de meados da década de 1980, o baile funk se constituiu como um dos espaços afrodiaspóricos de construção, de re(existência) e de pertencimento identitário de uma juventude suburbana majoritariamente negra e pertencente às classes mais subalternizadas da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda trazemos dois importantes ensaios sobre os desafios do nosso bem viver. O primeiro, intitulado *Racismo no Ensino de Anatomia Humana na Medicina do Século XXI*, de Luana Anjos-Ramos, Eliana Goldfarb Ciryno e Maria Janeth Mosquera Becerra, traz para o nosso debate como o racismo ainda está presente no ensino anatômico da formação médica, nestes nossos primeiros anos do século XXI. As autoras advertem que a disciplina de Anatomia Humana no curso de medicina não considera a diversidade humana. Pelo contrário, ainda reproduz o racismo pois é baseado no modelo de Homem Universal. O uso predominante de corpos negros como objeto de estudo e a ausência na academia de anatomistas negros. *Saúde na Floresta Negra: desafios Interseccionais da Mulher Negra na Amazônia*, de Maura Nunes Pimentel de Carvalho e Denise Machado Duran Gutierrez analisa as adversidades enfrentadas pelas mulheres negras na área da saúde na Amazônia, sublinhando a necessidade de adotar perspectivas interseccionais, conforme proposto por Patricia Hill Collins, para combater as desigualdades no acesso e cuidado. Examina como a interseção de raça, gênero, classe e espaço geográfico afeta adversamente tanto o acesso quanto a qualidade dos cuidados de saúde, destacando as barreiras geográficas, econômicas, culturais e institucionais enfrentadas. A pesquisa enfatiza a importância das práticas de cuidado tradicionais e da atuação de organizações comunitárias como formas de resistência a um sistema de saúde muitas vezes discriminatório. Enfatiza a necessidade de uma ação integrada de pesquisadores,



profissionais de saúde e formuladores de políticas para desenvolver políticas públicas e práticas de saúde inclusivas e justas, promovendo uma transformação substancial no acesso à saúde para essas mulheres, com o objetivo de alcançar a equidade em saúde como uma realidade tangível para as mulheres negras na Amazônia. No fechamento desta Edição, somos presenteadas e presenteadas com a entrevista de Hevelyn Rosa a Edna Roland em *No Fio da Navalha: a Construção do Movimento de Mulheres Negras no Brasil* por Edna Roland. Boa leitura a todas, todos e todes!